

# Arquivos históricos municipais e seu *affaire* com as temáticas de imigração e colonização

## Historical municipal archives and their affair with the themes of immigration and colonization

## Archivos históricos municipales y su *affaire* con las temáticas de inmigración y colonización

---

Marcos Antônio Witt<sup>1</sup>

---

Recebido em: 29/11/2013  
Aceito para publicação em: 27/2/2015

**Resumo:** O presente texto tem como objetivos historicizar e analisar a relação estabelecida entre os arquivos históricos municipais (AHMs) – locais de memória – e as temáticas de imigração e colonização. Tal relação pode ser analisada mediante uma longa e minuciosa investigação sobre a historiografia que se ocupou do processo de emigração/imigração para o Brasil. Por certo, cada um dos grupos historiográficos manteve um *affaire* diferenciado com os AHMs, resultando daí interpretações e publicações bastante díspares. Muito desse relacionamento tem a ver com a origem dos AHMs: uma parcela deles teve seu nascedouro ligado às iniciativas públicas,

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação. Coordenador do Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros e associado ao Instituto Histórico de São Leopoldo.

enquanto outros se originaram das ideias e práticas de pesquisadores municipalistas, e não raro alguns surgiram da combinação desses dois fatores. Com tais características, constituem-se locais de memória diferenciados. A fim de aprofundar a análise, tomou-se o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo como lócus privilegiado de investigação.

**Palavras-chave:** arquivos históricos municipais; memória; fontes; imigração; Brasil.

**Abstract:** This paper aims to historicize and analyze the relation between the Municipal Historical Archives (MHA) – places of memories - and the themes of immigration and colonization. This relationship can be analyzed through a long and thorough investigation of the historiography that dealt with the processes of emigration and immigration to Brazil. Each historiographical group maintained a distinct affair with the MHA, which resulted in quite disparate interpretations and publications. Much of this relationship has to do with the origin of the MHA: some of them were born on public initiatives, while others originated from the ideas and practices of municipal researchers, and not uncommonly some emerged from the combination of these two factors. With those characteristics, both initiatives constitute different memory locations. In order to deepen the analysis, we took the Historical Museum Visconde of São Leopoldo as the privileged location of investigation.

**Keywords:** historical municipal archives; memories; factors; immigration; Brazil.

**Resumen:** El presente texto tiene como objetivo historicizar y analizar la relación establecida entre los Archivos Históricos Municipales (AHM) – locales de memoria – y las temáticas de inmigración y colonización. Esta relación puede ser analizada a partir de una larga y minuciosa investigación sobre la historiografía que se ocupó del proceso de e/inmigración para Brasil. Por cierto, cada uno de los grupos historiográficos mantuvo un *affaire* diferenciado con los AHM, resultando, de esto, interpretaciones y publicaciones bastante dispares. Mucho de este relacionamiento tiene que ver con el origen de los AHM: una parcela de ellos tuvo su nacimiento relacionado con las iniciativas públicas; mientras que otros se originaron de las ideas y prácticas de investigadores municipalistas; y, no raramente, surgieron de la combinación de estos dos factores. Con tales características, se constituyen locales de memoria diferenciados. A fin de profundizar el análisis, se tomó el Museo Histórico Visconde de São Leopoldo como *locus* privilegiado de la investigación.

**Palabras clave:** archivos históricos municipales; memoria; fuentes; inmigración; Brasil.

Historicizar a relação estabelecida entre os arquivos históricos municipais (AHMs) e as temáticas de imigração e colonização requer um longo e minucioso voo sobre a historiografia que se ocupou do processo de emigração, chegada e fixação dos imigrantes em solo rio-grandense. Pode-se dizer, de forma introdutória, que cada um dos grupos historiográficos manteve um *affaire* diferenciado com os AHMs, resultando daí interpretações e publicações bastante díspares. Muito desse relacionamento tem a ver com a origem dos AHMs: uma parcela deles teve seu nascedouro ligado às iniciativas públicas, enquanto outros se originaram das ideias e práticas de pesquisadores municipalistas, e não raro alguns surgiram da combinação desses dois fatores. Ao mencionar a forma como os AHMs obtiveram vida, corre-se o risco de mensurar seus tamanhos e potencialidades, ou seja, poderá parecer que arquivos municipais são menores em forma física, têm menor quantidade de documentos e o conteúdo de sua documentação é menos importante do que o que está guardado em instituições estaduais ou federais. Porém quantidade não quer dizer qualidade, o que, em

termos de documentação, é extremamente relativo. Nesse caso, os AHMs, em geral, ocupam-se de uma documentação local e específica, enquanto as instituições públicas guardam documentos os mais diversos, normalmente produzidos pelos órgãos públicos estaduais e federais, e em maior parcela a documentação do século XIX e anteriores. Para fugir desse perigo, optou-se por trazer alguns exemplos de arquivos, como: o Arquivo Histórico de Novo Hamburgo; o Arquivo Histórico Municipal Corália Ramos Bemfica, em Santo Antônio da Patrulha; o Museu Histórico Vale do Caí, em São Sebastião do Caí; o Museu Histórico de Taquara; o Museu Municipal Adolfo Evaldo Lindemeyer, em Sapiranga; o Museu Antropológico Diretor Pestana, em Ijuí; o Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, em Caxias do Sul; e, de forma mais presente, o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL), mais objetivamente o setor de arquivo dessa instituição.

Mesmo que o título deste texto faça menção à imigração e colonização de forma geral, optou-se por reduzir a análise à imigração e colonização alemã para o Rio Grande do Sul, em virtude dos estudos realizados pelo autor (WITT, 2001; 2008). Nesse sentido, a imigração e a colonização alemã serviram como estudo de caso, pois o objeto deste texto foram os AHMs e suas fontes. Para obter maior capacidade de síntese, as questões pertinentes a este texto ficarão centradas na relação que representantes de tal grupo étnico mantiveram com os AHMs. É lícito pensar que os arquivos que guardam documentos de açorianos e italianos, por exemplo, funcionem de forma semelhante às instituições que têm a guarda da documentação referente à imigração alemã. Saliente-se que o objeto de estudo do presente texto transcende a ideia de grupo étnico; a análise tem como objetivo maior dar visibilidade aos AHMs e seus conteúdos como espaço de memória.

Assim, a historiografia sobre imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul pode ser dividida, entre outros critérios, em três grandes grupos: clássica, municipalista e acadêmica. Distingui-la sob o véu de conceitos tão gerais é extremamente delicado, por que não dizer, escorregadio. Características que são comuns aos três grupos talvez tenham de ser segregadas a fim de que a análise resulte em conclusões compreensíveis. Da mesma forma, cada um desses conceitos tem limites e áreas de abertura que agregam outras áreas do conhecimento. Apesar de tudo, a análise da relação dos AHMs com as temáticas de imigração e colonização seguirá esse percurso, na tentativa de demonstrar que cada grupo historiográfico interagiu com os arquivos a seu modo.

O que se entende, então, por historiografia clássica da imigração alemã? Enquadram-se nesse grupo aqueles que se esmeram na louvação étnica, na qual as características de um grupo se sobrepõem aos demais componentes da sua história. É de fundamental importância para essa historiografia destacar os termos “civilizado”, “ordeiro” e “trabalhador”, entre outros, e suprimir tudo aquilo que poderia macular a imagem dos imigrantes e de seus descendentes. O mundo colonial descrito pela historiografia clássica da imigração alemã normalmente apresenta um cenário idílico, em que as ideias de civilização e trabalho emolduram o cotidiano de imigrantes e seus descendentes. O que tal grupo historiográfico busca nos AHMs: dados e informações que corroborem suas teses, principalmente as ligadas à exaltação étnica e à compilação de um grande número de dados, como fizeram Leonardo Truda, Ernesto Pellanda e Aurélio Porto. Tomando-se a obra de Porto (1934) como referência, o autor buscou enfatizar a importância do trabalho alemão para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul e, além de compilar muitas informações, destacou o conceito de trabalho para o universo colonial rio-grandense. Paralelamente a esses autores está Jean Roche (1969), que também compilou grande número de informações sobre o universo colonial, trazendo dados de AHMs de diversas regiões do Rio Grande do Sul. No entanto Roche diferencia-se dos seus colegas ao trazer para seus leitores uma tese acadêmica e analítica.

Antes de enveredar pelo segundo grupo historiográfico da imigração alemã, deve-se ressaltar que o uso do termo clássico, neste trabalho, não é simplista nem está limitado a uma única esfera. Sabe-se de sua complexidade e que muitas obras consideradas clássicas,

no sentido de serem fundamentais para o estudo da imigração, tiveram origem em pesquisa, análise e escrita criteriosas, escapando do efeito nocivo da exaltação étnica. Esse é o caso, por exemplo, de Helga Piccolo (1974), Martin Dreher (2003) e Marcos Tramontini (2000), produtores de textos nos quais a análise científica é predominante e se sobrepõe a questões étnicas locais. Portanto, quando se usa o termo “historiografia clássica da imigração alemã”, faz-se referência às obras em que a análise científica cedeu lugar ao emprego de conceitos que desnudam qualidades e escondem possíveis máculas de um grupo étnico.

O segundo grupo historiográfico que pesquisa em AHMs são os municipalistas. Tal categoria de pesquisadores é formada por historiadores acadêmicos e demais interessados em História, como advogados, médicos, políticos, profissionais aposentados, entre outros, que se deixaram levar pelos encantos de *Clio*. Via de regra, eles pesquisam de forma metódica nos AHMs, disponibilizando para outros colegas documentos que dificilmente seriam publicados. Parte da obra do historiador Germano Moehlecke pauta-se pela transcrição de documentos, muitos deles sobre a Revolução Farroupilha. Afora prestar tal serviço, muitas obras publicadas por esse grupo têm na pontualidade e centralidade a sua maior limitação, quer dizer, estudam de maneira significativa determinada região, grupo ou assunto, deixando de estabelecer relações com temas paralelos. Suas obras caracterizam-se então como transcrição de documentos, sem problematizá-los. Em vários casos, a origem dos AHMs está ligada às iniciativas de pesquisadores municipais, quase sempre motivados pela tentativa de recuperação de acervos e preservação da cultura.

Tratando-se de imigração alemã, é significativa a produção histórico-literária com base em pesquisas realizadas em AHMs. Carlos de Souza Moraes (1994), Marina Raymundo da Silva (1999), Nilza Huyer Ely e Véra Lucia Maciel Barroso (1996), Telmo Lauro Müller (2005), Leopoldo Petry (1964; 1966), apenas para citar alguns nomes, são historiadores que pesquisaram em arquivos municipais, publicando obras que tratam de temas como a Real Feitoria do Linho-Cânhamo, a navegação lacustre, a colonização das Torres e a imigração alemã de forma geral. No conjunto das obras publicadas pelos municipalistas, existem algumas que possuem maior capacidade de interação com o público, seja por trazer à luz o cotidiano colonial, seja por disponibilizar números relativos à produção de alimentos e criação de animais. Nesse caso, tornam-se clássicos, no sentido de ser referência para o estudo da imigração e colonização.

O terceiro grupo historiográfico está intimamente ligado à produção acadêmica realizada nos programas de pós-graduação. Mesmo que não seja o único fator, a criação e o desenvolvimento desses programas deram novo impulso às pesquisas, permitindo aos pesquisadores que pudessem ter bolsistas; que elaborassem projetos a médio e longo prazo, bem mais estruturados do que pesquisas individuais; e que dialogassem entre si, costurando temas aparentemente díspares, como imigração e escravidão. Da mesma forma, a pesquisa em grandes arquivos, como Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS) e Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), ambos com sede em Porto Alegre, foi complementada com a visita e a pesquisa em instituições municipais, nas quais, muitas vezes, estavam documentos perdidos, desconhecidos ou de relevância para o determinado estudo.

O conjunto de textos publicados pelo historiador Marcos Justo Tramontini (2000), especialmente a sua tese, serve de ilustração para tal grupo historiográfico. A pesquisa realizada por Tramontini é tão densa que ele optou por justificar sua metodologia de trabalho explicando as razões da forte carga empírica em sua tese. Ao estudar a colônia alemã de São Leopoldo de 1824 a 1850, o autor vasculhou os arquivos estaduais sediados em Porto Alegre, assim como percorreu diversos arquivos municipais, realizando a costura não somente entre temas correlatos, como também entre instituições de níveis e porte distintos. Ao ser um dos primeiros a relacionar os temas imigração e escravidão de forma mais profunda, Tramontini pesquisou os inventários do APERS e também as escrituras

de compra e venda de escravos guardadas no mesmo arquivo. A partir dos estudos de Tramontini, tem-se uma forte imbricação entre os dois temas, resultado de uma pesquisa mais abrangente, capaz de relacionar assuntos ainda pouco ou nada trabalhados.

Ao discorrer sobre a historiografia da imigração alemã e sua relação com os AHMs, não se deve passar a impressão de que os conceitos utilizados para dividi-la em três grupos são estanques, imóveis e absolutos. Muito pelo contrário: diversas obras publicadas por municipalistas poderiam ser classificadas como clássicas, ou, então, inúmeros autores acadêmicos têm nos AHMs sua maior fonte de pesquisa. O mais significativo para este texto é a análise da forma como pesquisadores buscaram a documentação dos AHMs e o que resultou de suas investigações. Se para um grupo os arquivos são um manancial de fontes capaz de colaborar para a elaboração de inúmeras tabelas e quadros estatísticos, para outro a documentação deixada nessas instituições reafirma o pioneirismo, o sacrifício, a luta pela sobrevivência, a exclusão da cidadania, enfim, reafirma o discurso germanófilo e laudatório. Por outro lado, municipalistas poderão enxergar os AHMs como uma extensão da sua casa, um local que ajudaram a fundar e que garante a preservação da cultura alemã. Os arquivos, nesse caso, seriam microcosmos de um universo que tenta se preservar das modificações impostas pelo futuro, pelas novas tecnologias ou pelo constante e infindável enfrentamento étnico. Seriam, também, espaços de determinada memória.

Tomando o MHVSL<sup>2</sup> como referência, é possível entender como um AHM pode se tornar peça-chave na pesquisa e estudo sobre imigração e colonização. Esse museu, diferentemente da maioria dos seus pares, tem uma atuação tripartida: exhibe exposições permanentes e temporárias de objetos; coloca à disposição da comunidade uma vasta biblioteca e acervo de periódicos, no qual se destacam os jornais; e tem sob sua guarda documentos históricos que são fontes para a história de São Leopoldo e do Rio Grande do Sul. É, portanto, com base nessas prerrogativas, um lugar de memória. De maneira mais enfática, abordar-se-á o arquivo histórico dessa instituição. O MHVSL nasceu há 54 anos, foi inaugurado no dia 20 de setembro de 1959, sendo uma entidade privada, sem fins lucrativos. Seus gestores, um grupo de pesquisadores e professores que se dedicavam à cultura alemã no Rio Grande do Sul, provenientes de diversos municípios que haviam se originado de São Leopoldo, reuniram-se em torno de um objetivo comum: fundar um museu onde pudessem preservar objetos que representassem as antigas colônias alemãs. No fundo, a preocupação com a germanidade ainda estava muito presente, principalmente no período após a Segunda Guerra Mundial. Objetos, nesse caso, representavam hábitos, costumes e língua alemã.

Sobre a documentação que foi doada ao MHVSL pela Prefeitura de São Leopoldo, o acervo remonta ao primeiro livro de atas da Câmara Municipal da ainda Vila de São Leopoldo. O primeiro exemplar é de 1846; na sequência, estão os demais livros, vitais para o estudo da política no século XIX. Muitos pesquisadores têm se debruçado sobre as atas da Câmara Municipal de São Leopoldo, todos buscando respostas específicas para suas problemáticas de pesquisa. Nesse caso, o estudo das relações no cotidiano da colônia apresenta-se como um objeto de investigação privilegiado, ao lado de temas tradicionais como desenvolvimento econômico e política. Entretanto o arquivo histórico municipal existente no MHVSL transcende tal documentação. Menos pesquisados, mas igualmente ricos, são os livros de cobrança de impostos, de contabilidade, de distribuição de terrenos, de iniciativas públicas, como conservação de estradas e atendimento à saúde e à educação, de escrituras de compra e venda de escravos, entre outras compilações aparentemente muito carregadas de números, mas suficientes para auxiliar no entendimento da estrutura pública de São Leopoldo desde meados do século XIX<sup>3</sup>. Um dos pesquisadores que investigam a parte do acervo

<sup>2</sup> O Museu Histórico Visconde de São Leopoldo está localizado na Av. Dom João Becker, 491 – Centro – São Leopoldo – RS – CEP 93010-010. Telefones: 3592-4557 e 3592-3984. E-mail: museuhistoricosl@terra.com.br. Site: www.museuhistoricosl.com.br.

<sup>3</sup> Nesse caso, os historiadores estão revisitando antigas fontes, mas com olhares os mais distintos, procurando compreender detalhes aparentemente sem importância para os pesquisadores diletantes do início do século XX, ou procedendo à análise dos dados por eles compilados.

municipal menos consultada é Germano Moehlecke, um *expert* quando se trata de vasculhar documentos arquivados em AHMs. Seu livro *Os imigrantes alemães e a Revolução Farroupilha* é composto tão somente pela transcrição de fontes que abordam aspectos diversos da Farroupilha, a maioria delas guardadas no AHRS. Pesquisas adicionais também foram realizadas no Museu Hipólito José da Costa e no MHVSL, complementando o que o pesquisador encontrou em caixas, pastas e livros do AHRS.

Somados ao acervo doado pela Prefeitura de São Leopoldo ao MHVSL estão os documentos referentes ao período imperial e republicano. O conjunto de documentos da fase imperial está organizado em caixas-arquivos e com o processo de catalogação praticamente pronto. Como ocorre em muitas instituições semelhantes, esse tipo de trabalho é efetuado, normalmente, por estagiários, bolsistas ou voluntários, ou seja, pessoas que não integram o quadro permanente de funcionários. Tratando-se da documentação referente ao século XIX, a conclusão da catalogação depende, mais uma vez, da relevante contribuição de terceiros. Já o que se refere à República, os papéis estão arquivados em caixas e constituem uma diversidade maior de temas e fontes sobre o século XX. Se o acervo do período imperial é composto de documentos oficiais, muitos ligados à história do Rio Grande do Sul e da imigração e colonização, o material coletado referente à República tem recortes de jornais, manuscritos, publicidade produzida por municípios, pequenas sínteses históricas, entre outras tipologias.

Dividindo espaço com o acervo documental republicano, estão as fotografias, uma das preciosidades do MHVSL. No conjunto, elas formam uma coleção significativa de imagens referentes à história do Rio Grande do Sul, de São Leopoldo e da imigração e colonização. As fotografias estão arquivadas por caixas temáticas, totalizando milhares de recordações gravadas em papel. Identificadas ou não, as fotografias constituem uma das fontes mais buscadas no MHVSL, principalmente porque permitem leituras diferenciadas, que narram e dialogam com o que ficou registrado apenas de forma escrita. Para os estudiosos de fotografia, ela consiste em um texto próprio, utilizando a linguagem visual.

Fazendo uso de imagens, o MHVSL inaugurou, em julho de 2008, uma exposição itinerante sobre crianças na imigração. Foram confeccionados 20 *banners*, todos retratando a infância sob diferentes aspectos: brincadeiras, vestuário e sociabilidade. Acompanhando a exposição, o MHVSL promoveu um ciclo de palestras com o tema homônimo, chamando a atenção para esse agente histórico tão pouco contemplado nos estudos sobre imigração. Como ocorre na maioria dos museus, a falta de recursos – humano e financeiro – ainda impossibilita a digitalização de todo o acervo, bem como a classificação de outras fotografias que se encontram arquivadas em álbuns de família. Ao longo do ano de 2013, parcerias permitiram que o MHVSL digitalizasse parte do acervo de fotografias, fazendo com que o documento original deixasse de ser constantemente manuseado. Isso auxiliará na sua preservação, e o atendimento e a divulgação das imagens ganharão agilidade<sup>4</sup>.

Se por um lado as fotografias encantam pesquisadores e o público leitor em geral, os dados familiares presentes em cada imagem são complementados pelo uso da genealogia, ferramenta de pesquisa que tem como objetivo identificar, organizar e informar quem são os componentes de determinada família ou parentela. Como o MHVSL na sua origem estava totalmente identificado

<sup>4</sup> Nos anos seguintes, o MHVSL realizou estas atividades: 2009 – oficina “O potencial turístico dos museus e a questão da identidade: palestra e oficina”; minicurso “Paleografia gótica”; ciclo de palestras “Índios, escravos e imigrantes: agentes históricos do RS”; ciclo de palestras “A música na imigração”; exposição itinerante “A música na imigração”; 2010 – ciclo de palestras “Encurtando distâncias no ensino religioso – a pluralidade religiosa”; ciclo de palestras “A estética da fé”; exposição fotográfica do povo guarani; exposição “Aquarela”; exposição itinerante “A estética da fé”; 2011 – curso “Pelos caminhos da Rua Grande: história(s) da São Leopoldo republicana”; 2012 – ciclo de palestras “Escravidão e imigração: novos estudos / novas abordagens”; exposição de *banners* “O negro na imigração”; exposição “Objetos da escravidão”; 2013 – exposição “Henrique Luiz Roessler – cinquentenário de morte”; ciclo de palestras “Imigração – a História através do cinema”.

com a ideia de preservação da cultura alemã, parte do seu acervo bibliográfico e documental está ligada a histórias de famílias. Com isso, é frequente o ingresso de genealogistas em suas dependências, buscando dados familiares para a confecção ou término da árvore genealógica. Bibliografia, registros de batismo, nascimento, confirmação, casamento e óbito, certidões de casamento, entre outros documentos, formam o acervo de genealogia do MHVSL. Talvez esse seja o setor que tenha mais características em comum com outros AHMs, sobretudo aqueles que estão em áreas de colonização europeia pós-século XIX, como é o caso do Museu Histórico Vale do Caí, em São Sebastião do Caí, e Arquivo Histórico Municipal João Spadari, em Caxias do Sul – o primeiro ligado à imigração alemã e italiana, e o segundo, somente à italiana. Os livros de Carlos Henrique Hunsche costumam ser as obras mais consultadas por genealogistas.

A busca de informações por parte de genealogistas recebe auxílio na biblioteca do MHVSL. Compõem o acervo literário do MHVSL livros de história relacionados à imigração e colonização no Brasil e no Rio Grande do Sul; à origem de picadas, colônias e municípios; a biografias de agentes históricos de alguma forma destacados; à literatura em língua alemã e portuguesa, como os inúmeros modelos de *Kalender* (anuários); à economia, política e religião dos imigrantes e seus descendentes; a eventos notórios, como Mucker, de 1874, que envolveu descendentes de imigrantes alemães da colônia de São Leopoldo em luta armada; à origem e ao crescimento de famílias; livros exclusivamente genealógicos, entre outras categorias bibliográficas. Além de disponibilizar por volta de 21 mil volumes a possíveis interessados, o MHVSL tem em suas estantes livros publicados em língua alemã. Não raro, a instituição é visitada por pesquisadores alemães, os quais buscam obras específicas para integrar ou finalizar seus estudos.

Paralelo aos livros está o acervo de jornais e revistas do MHVSL. Juntos, biblioteca e hemeroteca representam um dos maiores volumes de documentos da casa. Em língua portuguesa e alemã, o material produzido por jornalistas e intelectuais afins é buscado por pesquisadores que desejam enriquecer suas pesquisas com informações quantitativas ou substanciais.

A fim de diversificar o que foi apresentado até agora, buscou-se conhecer e analisar instituições semelhantes ao MHVSL. Longe de esgotar o volume de museus e arquivos que pontuam o território rio-grandense, quer-se apenas trazê-los como representação de um universo maior. A seleção não obedeceu a critérios rígidos; as informações foram enviadas por *e-mail*, encontradas em *sites* afins ou buscadas via telefone ou em boletins informativos impressos. Pretende-se apresentar um pouco da estrutura do arquivo, as fontes disponíveis para o pesquisador e seu endereço e contato.

– Arquivo Histórico de Novo Hamburgo: ligado ao Centro Municipal de Cultura, de caráter público, tem como acervo os periódicos *5 de Abril*, *Novo Hamburgo*, de 1960 a 1995, *Hamburguês*, *Gazeta* e alguns exemplares do *Correio do Povo*. Possui, ainda, biblioteca de apoio sobre imigração alemã, livros de registros da Prefeitura e fotografias das décadas de 1950 a 1970. O arquivo conta com três atendentes, todos eles professores municipais, e não tem *site* próprio. A coordenação do arquivo está sob a responsabilidade da Sra. Marilsa Bitencur. O endereço da instituição é Rua Engenheiro Ignácio Plangg, 66, Centro – Novo Hamburgo. Telefone: (51) 3593-2013. Ramal 28.

– Arquivo Histórico Municipal Corália Ramos Bemfica, em Santo Antônio da Patrulha: de caráter público, tem como entidade mantenedora a Fundação Museu Antropológico Caldas Júnior. Foi criado pela Lei Municipal n.º 2.559, de 17 de dezembro de 1992, e reorganizado pela Lei Municipal n.º 5.559, de 22 de julho de 2008. Possui três funcionários que dividem as tarefas de atendimento e arquivo. A estrutura física do arquivo é composta de uma sala de aproximadamente 40 m<sup>2</sup> para acondicionamento do acervo e uma sala de aproximadamente 15 m<sup>2</sup> para atendimento à pesquisa. No acervo do Arquivo Histórico Municipal Corália Ramos Bemfica há atas da Câmara Municipal de Santo Antônio da Patrulha (século XIX); atas do

Conselho Municipal (período posterior à instalação da República); livros-caixa; inscrição de eleitores do séculos XIX; assuntos policiais; correspondências expedidas e recebidas (séculos XIX e XX); frequência de professores e alunos (século XX); leis, decretos e portarias; mapas, revistas e jornais. Essa documentação refere-se aos municípios que pertenciam a Santo Antônio da Patrulha, especialmente Osório, Vacaria, Lagoa Vermelha, São Francisco de Paula, Taquara, Torres, Rolante, Riozinho e Caraá. De todo o conjunto, destacam-se as atas da Câmara Municipal de Santo Antônio da Patrulha, transcritas pela pesquisadora Terezinha de Jesus Bemfica Bier, cujo período percorre os anos de 1836 a 1848. O Instituto Histórico e Geográfico da cidade disponibilizou a sua transcrição em CD-ROM. O arquivo está localizado na Av. Borges de Medeiros, 456 – Cidade Alta – Santo Antônio da Patrulha. Telefone: (51) 3662-8560. E-mail: museucaldasjunior@pmsap.com.br.

– Museu Histórico Vale do Caí, em São Sebastião do Caí: de caráter público, conta com um funcionário para atendimento. O acervo é amplo, de natureza público-administrativa. Possui documentação sobre imigração, especialmente italiana, pois o desembarque dos colonos encaminhados à região de Caxias do Sul (que até 1890 fazia parte do território da Vila de São Sebastião do Caí) ocorreu no porto dessa cidade. A colonização alemã na região deu-se a partir das levas de São Leopoldo em direção a São José do Hortêncio, e de São José do Hortêncio em direção a Caí, por ser o porto de embarque das mercadorias coloniais em direção a Porto Alegre. Nesse sentido, a documentação sobre a imigração alemã é quantitativamente menor se comparada à italiana. O museu está localizado na Rua Treze de Maio, 770 – Centro – São Sebastião do Caí. Telefone: (51) 9903-8551. E-mail: museuvaldocahy@gmail.com.

– Museu Histórico de Taquara: está em reforma, com previsão de abertura para março de 2014. O museu tem como endereço a Rodovia 020, km 54 (junto ao Marsul).

– Museu Municipal Adolfo Evaldo Lindemeyer, em Sapiranga: de caráter público, conta com quatro funcionários para atendimento. O acervo é composto de móveis originais e utensílios ligados à imigração alemã em Sapiranga, livros e *banners* que se referem ao Movimento Mucker, de 1874, fotografias e certidões. O museu não possui *site* próprio. Está localizado na Avenida 20 de Setembro, 3.675 – Centro – Sapiranga. Telefone: (51) 3959-1020.

– Museu Antropológico Diretor Pestana, em Ijuí: de caráter particular, mantido pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (Fidene), o museu tem a guarda da documentação administrativa de Ijuí, do período de colônia, de 1890 a 1912, e também de município, a partir de 1912; documentação regional; um acervo diversificado de fotografias, incluindo as coleções dos fotógrafos Eduardo Jaunsem (imigrante leto) e Coleção Família Beck; coleção do jornal *Correio Serrano* (impresso e em microfilme); uma biblioteca. A exposição permanente é temática, iniciando com arqueologia indígena, negro, colonização, agricultura, indústria e comércio, além de fazer referência a questões diversas, como carro antigo, instrumentos musicais, aparelhagem de rádio, a reprodução do espaço interno de uma casa colonial etc., com destaque para os diferentes grupos étnicos ali estabelecidos. Ainda há um espaço para exposições temporárias, com auditório para palestras. Da região de Ijuí, é a instituição que tem o maior e mais diversificado acervo e uma infraestrutura adequada para tal fim, com pessoal especializado. A exposição permanente ocupa uma área de 503 m<sup>2</sup>. A visitação e a pesquisa são possíveis mediante pagamento de taxa. O museu conta com nove funcionários e dois estagiários e está situado na Rua Germano Gressler, 96 – Bairro São Geraldo – Ijuí. Telefone: (55) 3332.0257. E-mail: madp@unijui.edu.br. Site: www.unijui.edu.br/museu.

– Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, em Caxias do Sul: de caráter público, tem 13 servidores e três estagiários. A maior parte da documentação refere-se à imigração italiana, sendo dividida em documentos oficiais, como distribuição dos lotes, e de origem particular, provenientes das famílias. O arquivo está localizado na Avenida Júlio



de Castilhos, 318 – Bairro Nossa Senhora de Lourdes – Caxias do Sul. Telefones: (54) 3218-6114 e (54) 3901.1318. Site: [www.caxias.rs.gov.br](http://www.caxias.rs.gov.br) (Secretaria da Cultura, Departamento de Memória e Patrimônio Cultural)<sup>5</sup>.

A guarda de uma documentação tão variada exige organização, planejamento e investimento por parte da instituição hospedeira. Privadas ou públicas, é certo e de conhecimento geral que a maioria das instituições culturais do Brasil não possui os recursos necessários para salvaguardar seus acervos. Os limites são, quase sempre, a falta de verbas e de pessoal qualificado para dar andamento aos trabalhos. Por mais avanços que se tenha conquistado, como um sistema único de museus para o país e para os estados, ainda há muito que fazer nas células municipais, principalmente naquelas que ainda não despertaram para o cuidado e a preservação de seu patrimônio. Uma das alternativas é buscar o apoio irrestrito de estagiários, bolsistas e voluntários, ligados ou não a instituições de ensino superior. Via de regra, esses anônimos têm sido peça fundamental no andamento dos trabalhos, na elaboração e concretização de projetos, no atendimento às escolas, aos turistas e aos pesquisadores, entre outras tantas tarefas por eles desempenhadas.

Analisados e considerados como espaços de memória, os AHMs serviram de inspiração para identificar os diversos grupos que compõem a historiografia sobre imigração alemã, verificando como se relacionaram com esses arquivos, sobretudo o que pesquisaram e o que escreveram com base em suas experiências arquivísticas. De igual modo, quis-se chamar a atenção para a existência e a situação atual dos AHMs, tanto públicos quanto privados. As poucas informações sobre alguns deles foram suficientes para demonstrar que ainda engatinhamos no que tange à elaboração e prática de políticas públicas que atendam às necessidades desse setor cultural. É bastante provável que muitos acervos deixem de ser consultados porque os pesquisadores têm total ou parcial desconhecimento de sua existência. Também é muito provável que esse impedimento tenha colaborado para a falsa ideia de que o acervo de um AHM é menos rico ou importante do que a documentação guardada por uma instituição de maior renome. A própria estrutura precária, a falta de funcionário e a organização deficiente da documentação dificultam ou afastam os pesquisadores desse tipo de instituição, pois seu acesso requer tempo e uma pesquisa minuciosa de todo o acervo, e nem sempre é possível ter acesso a um guia da documentação do acervo, aspecto esse facilitado nos grandes arquivos. A questão da língua é outro problema, pois a documentação em língua alemã acaba não sendo utilizada nem traduzida; somam-se a isso os manuscritos, cuja leitura é ainda mais complicada.

Embora tais impasses e empecilhos dificultem a pesquisa, os acervos dos AHMs são preciosos e singulares. Na maioria das vezes, guardam fontes únicas que somente poderão ser encontradas no interior de um desses arquivos (como fotografias, diários, cartas...). Quanto à divulgação, pesquisadores e historiadores colaboram com essa tarefa. Tomando-se o MHVSL como referência, objetivou-se divulgar o conteúdo dos acervos pondo em destaque a diversidade de fontes existentes nos AHMs. Como estudo de caso, quiçá a trajetória do MHVSL, ao longo de seus 54 anos, tenha demonstrado a fragilidade e a importância desses espaços para o desenvolvimento integral do país, sobretudo no campo da educação. Como espaços sociais, guardam memória – memórias – daqueles que compõem o que denominamos de sociedade brasileira, imensamente dinâmica e complexa em sua formação.

<sup>5</sup> Os dados sobre cada instituição museológica e/ou arquivística foram captados da seguinte forma: a) Arquivo Histórico de Novo Hamburgo, via telefonema, com Nelson Bitelo; b) Arquivo Histórico Municipal Corália Ramos Bemfica, em Santo Antônio da Patrulha, via telefonema, com Carla Cunha; c) Museu Histórico Vale do Caí, em São Sebastião do Caí, via telefonema, com Eloni da Silva; d) Museu Histórico de Taquara, via telefonema, com Dalva Reinheimer, da FACCAT; e) Museu Municipal Adolfo Evaldo Lindemeyer, em Sapiranga, via telefonema, com Anelise Blos; f) Museu Antropológico Diretor Pestana, em Ijuí, via boletim informativo (*Kema*, ano I, n. 6, mar. 2009) e via telefonema, com Mariane Bach; g) Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, em Caxias do Sul, via telefonema, com Sandra Castilhos.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína. **A revolta dos Mucker**. 2. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- DREHER, Martin Norberto. **Igreja e germanidade**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELY, Nilza Huyer; BARROSO, Véra Lucia Maciel (Orgs.). **Imigração alemã: 170 anos**. Vale do Três Forquilhas. Porto Alegre: EST, 1996.
- GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto (Orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**: recortes. São Leopoldo: Oikos; Unisinos, 2008.
- HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- HUNSCHE, Carlos Henrique. **O ano 1826 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Metrópole, 1977.
- \_\_\_\_\_. **O biênio 1824/25 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: A Nação, 1975.
- HUNSCHE, Carlos Henrique; ASTOLFI, Maria. **O quadriênio 1827-1830 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: G&W Artes Gráficas, 2004.
- JORNAL Vale do Sinos. São Leopoldo, p. 2, 29 nov. 2008.
- KEMA. Ijuí, ano I, n. 6, mar. 2009. [boletim informativo].
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.
- LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- MOEHLECKE, Germano Oscar. **Os imigrantes alemães e a Revolução Farroupilha**. São Leopoldo: Gráfica da Universidade de Caxias do Sul, 1986.
- MORAES, Carlos de Souza. **Feitoria do Linho Cânhamo**. Porto Alegre: Parlenda, 1994.
- MÜLLER, Telmo Lauro. **Imigração alemã**: sua presença no Rio Grande do Sul há 180 anos. Porto Alegre: EST, 2005.
- NAGEL, Fábio. **São Leopoldo**: fragmentos do passado. São Leopoldo, 2008. [documentário].

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PELLANDA, Ernesto. **A colonização germânica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1925.

PETRY, Leopoldo. **São Leopoldo**: berço da colonização alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Rotermund, 1964.

\_\_\_\_\_. **São Leopoldo**: berço da colonização alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Rotermund, 1966.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. **A política rio-grandense no II Império (1868-1882)**. Porto Alegre: UFRGS, 1974.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTO, Aurélio. **O trabalho alemão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Estabelecimento Gráfico Santa Terezinha, 1934.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu**: patrimônio e passado da cidade Porto Alegre. Porto Alegre: EST, 2001.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. v. 1 e v. 2. Porto Alegre: Globo, 1969.

SANTOS, Fausto Henrique dos. **Metodologia aplicada em museus**. São Paulo: Mackenzie, 2000.

SILVA, Marina Raymundo da. **Navegação lacustre Osório-Torres**. 2. ed. Porto Alegre: Jollo, 1999.

TRAMONTINI, Marcos Justo. **A organização social dos imigrantes**. A Colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850). São Leopoldo: Unisinos, 2000.

TRUDA, F. de Leonardo. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1930.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol**: estratégias políticas (imigração alemã – Rio Grande do Sul – século XIX). São Leopoldo: Oikos, 2008.

\_\_\_\_\_. **Política no litoral norte do Rio Grande do Sul**: a participação de nacionais e de colonos alemães – 1840-1889. São Leopoldo, 2001. Dissertação (Mestrado em História da América Latina)–Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2001.